



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

GT1 Africanidades e Brasilidades em Literaturas e Linguísticas

AGUALUSA: POR UMA POÉTICA DA ESTREMADURA

Adrianna Machado Meneguelli¹

Resumo

O escritor angolano José Eduardo Agualusa – que se define como um afro-luso-brasileiro – tece suas histórias num espaço instavelmente fronteiriço. Entre países, línguas, etnias, entre a história e a literatura, e entre outros saberes, circulam personagens, em grande parte mestiços, forjados pela literatura e ao mesmo tempo margeados por uma História que é a de povos, e de narrativas, que se cruzam. Os romances *Nação crioula* e *O ano em que Zumbi tomou o Rio* – lidos à luz de pensadores como Walter Benjamin e Homi Bhabha, dentre outros – se nos assomam como propícios para identificarmos, nas tramas agualusianas, a opção por uma poética da estremadura.

Palavras-chave: Literatura africana. Fronteira. Poética. Pós-colonialidade.

¹ Doutora em Literatura Comparada (UFMG). Coordenadora do Curso de Letras Português do Instituto Federal do Espírito Santo *campus* Venda Nova do Imigrante. E-mail: adriannam2010@hotmail.com



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

A estremadura é onde os lados se tocam, contaminam-se e inevitavelmente se interpenetram. É nesse espaço instável que as personagens agualusianas, suas vivências e os lugares onde habitam, ou por onde se movem, constroem-se enquanto narrativas. É mestiça (palavra oriunda de *mixticius*, mistura racial e sanguínea em latim) qualquer divisa, como o é o trânsito imemorial no mais mestiço dos oceanos, o Atlântico, que se tingiu – e não faltaram versos lusófonos para o ilustrar – do sangue de tantas raças. Na construção das narrativas – a alegorizarem formações identitárias em África, Portugal e Brasil – dispõem-se personagens fictícios, e ao mesmo tempo históricos, que performam, como nas obras *O dia em que Zumbi tomou o Rio* e *Nação crioula*, a urgência de serem lidos a partir de uma ótica, e de uma lógica, que é a da pós-colonialidade, e seus influxos. Seu enfoque mais significativo ora recai, por sua vez, sobre as zonas fronteiriças, por onde atua sobranceiramente a poética agualusiana.

É fronteiroço igualmente o lugar da intertextualidade, essa teia que interliga personagens, textos, autores que continuamente equilibram-se entre discursos e estilos muitas vezes distantes no tempo e no espaço. Tal se dá com o personagem Fradique Mendes, heterônimo coletivo do grupo “Cenáculo” que, dentre outros escritores, incluía Antero de Quental e Eça de Queirós. Tendo sido celebrizado mormente por este último na obra póstuma *Correspondência de Fradique Mendes* (1900), tal personagem apresenta como traços marcantes a irreverência, o ar de modernidade, expresso no amor pela ciência e pela aventura, e o refinamento intelectual. Em *Nação crioula* (1997), de Agualusa, o célebre dândi volta à cena, também através de epístolas trocadas com, dentre outros personagens, o seu antigo criador, Eça de Queirós, agora ficcionalizado.

Na obra, Ana Olímpia – a amada eleita de Fradique – cumpre um percurso cíclico. Princesa negra, casada com um rico mercador, possuidora de bens materiais e humanos em Luanda, após o falecimento do marido, e protetor, sofre uma reviravolta e acaba sendo perseguida e escravizada em sua terra. Salva por Fradique, após o traslado para o Brasil volta à antiga posição de senhora de



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

escravos. No romance epistolar, são três os destinatários: Madame de Jouarre (a madrinha), Eça de Queirós (o amigo escritor) e Ana Olímpia (a amada e destinatária privilegiada). Sua voz, porém, aparece apenas ao final do livro, de modo que tudo o que dela se conta, e o que sobre ela se infere, encontra-se nas cartas de Fradique.

Em *O local da cultura* (2001), Homi Bhabha, abordando o *nonsense* abrigado no processo colonial, refere-se a uma conspiração de silêncio ali presente, ainda que não facilmente delineada. Afirma o teórico que, desses recantos obscuros da terra – os países e rincões colonizados – “vem um outro e mais sinistro silêncio que emite uma ‘alteridade’ arcaica colonial que fala através de enigmas [...] É um silêncio que transforma o triunfalismo imperial no testemunho da confusão imperial “ (BHABHA, 2001, p. 178)

O silêncio de Ana Olímpia – escrava e senhora, disposta no entreposto entre Angola e Brasil – a reverberar nas palavras não proferidas das cartas não escritas, ou ao menos não partilhadas com o leitor, é testemunho dessa “confusão colonial” relevada por Bhabha; mais até, desse *nonsense* que a verdade colonial fez emergir, mas não através das palavras enunciadas, analíticas, explicativas; e sim através do não-dito, de um silêncio constrangedor que se presentifica nas formações identitárias, em sua maioria oscilantes, como o são os espaços por onde transitam.

Encerram-se as correspondências com a única missiva escrita por Ana, após a morte de Fradique, e endereçada ao escritor e amigo Eça. Volta a cruzar o Atlântico de volta a Lunda, numa circularidade inspirada pelos versos, também circulares, da “Canção do exílio” de Gonçalves Dias. Volta à vida ou reencarna novamente? É o dilema da estremadura – espaço de dissolução de certezas.

Ecoa também o não-dito (ou ao menos não dito claramente) em *O ano em que Zumbi tomou o Rio* (2002), cujos personagens, também em trânsito, portam segredos e silêncios entre a Angola pós-independência e o Rio de Janeiro. Francisco Palmares, o narrador, antigo coronel da “situação”, em Angola, e agora



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

comerciante de armas no Rio, debate-se todo o tempo com o passado a assombrá-lo. Escapara por pouco da morte, assim como o jornalista Euclides Matoso da Câmara, que avista na Feira de São Cristóvão, o que o deixa estupefacto, pois lembra-se dele sendo enterrado. São ambos centrais na história, a que se assomam outros colegas de combate em Luanda, e de lá fugidos, como o Bartolomeu Catiavala, que fornecia treinamento militar aos moradores do Morro da Barriga. E também personagens brasileiros, como o líder do morro, Jararaca, e sua mulher, a burguesa Anastácia Hadock Lobo, dentre outros. Destaque para o jornalista angolano que, além de negro e homossexual, media pouco mais de um metro, praticamente um anão, o que não interferia em nada em suas maneiras elegantes e no figurino sempre impecável.

Herdeiro de um padre que o abrigou no orfanato e o incentivou nos estudos e na vida, Euclides segue assombrado pela memória de Dona Felicidade, mulher pequenina que mendigava moedas e beatas nas ruas de Luanda, e que jamais abriu a boca para proferir qualquer palavra; passava, contudo, os dias a desenhar, com pedaços de carvão, maldições em umbundo e oráculos assustadores. Diziam todos que era sua mãe. Morrera poucos dias antes da independência de Angola, e Euclides registrara todas as marcas deixadas por ela, todos os prenúncios e maldições. Ecoam, tais personagens, o mesmo sinistro silêncio que emite uma ‘alteridade’ arcaica colonial a falar através de enigmas, tal como apontado por Bhabha. E transitam confusamente por sobre o Atlântico, berço de hibridismos.

Celebra, assim, Agualusa, o ato migratório da sobrevivência, figurado em suas histórias mestiças como aquilo que, para o mesmo teórico indiano, configura-se como “um espaço cultural híbrido que surge contingente e disjuntivamente na inscrição de signos da memória cultural e de lugares de atividade política.” (BHABHA, 2001, p. 27). Donde a urgência de se conceber tais narrativas numa ótica da pós-colonialidade, como um salutar lembrete das relações neocoloniais



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

remanescentes no interior da ‘nova ordem mundial’ e da divisão do trabalho multinacional.

Os angolanos terminam – tomados pela dor da causa racial e pela explicitação da injustiça acometida diariamente aos moradores da favela – lutando ao lado dos traficantes e de pessoas comuns que vivem à margem de um sistema que nunca as incorporou dignamente. “Porque o que está acontecendo nesta cidade é uma guerra. Uma guerra, sim, tá ligado? Faz ideia de quantas pessoas morrem por ano nas favelas cariocas?” (AGUALUSA, 2002, p. 51), reverberam as palavras do Jararaca, o líder da “guerra”. Mais adiante a resposta: mais de vinte duas a cada dia. Representam – e ao mesmo tempo testemunham – a confusão pós-colonial, ao passo que atestam o quão intrincadas perfazem-se as relações “neocoloniais” no interior dessa ‘nova ordem mundial’.

Até mesmo a noção particular de cultura, que é força-motriz no projeto dos Estudos Culturais (assim como o enfoque dado à cultura contemporânea), dispõe-se no limiar. Países, classes sociais e etnias intercambiam bens simbólicos – como o faz o autor, no intercâmbio das citações de autores africanos e brasileiros; músicas, frases, poemas, a margearem as narrativas – num acento contínuo entre o lá e o cá, como nos versos de Gonçalves Dias trazidos à tona por Agualusa. São representativos da complexidade identitária que se perfaz no espaço fronteiriço secularmente problematizado e jamais resolvido, donde a “guerra” social, e ao mesmo tempo racial, travada na obra que homenageia no título o herói dos palmares. E no *rap* do Jacaré, morador do morro, o mote:

Era um preto com alma de branco
dizia a tudo, sim doutor, está muito certo doutor
só queria trabalhar
mas exigiam boa aparência
sim, doutor, está certo doutor
(e ele tinha uma infinita paciência)



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Era um preto que sabia o seu lugar

[...]

Seu pai morreu de bebida

E ele sempre: sim, doutor, está certo doutor

Seu filho morreu de fome

E então um dia o crioulo endoidou

Mudou de atitude, mudou de nome

Chega de tanta dor

Agora sou Zumbi, sou Xangô, sou Lampião

Agora sei qual é o meu lugar

Sim, doutor, é no meio dessa briga [...] (AGUALUSA, 2002, p. 85)

Explicita-se, nesse *rap*, o título do romance; mantém-se em aberto o lugar do negro num país que, tendo sido erguido por ele, insistiu em mantê-lo à margem, desde que aqui desembarcou. Marcados pela recente revolução em Angola, os africanos fazem sua a guerra dos brasileiros, e assim é que Zumbi toma o Rio; um Zumbi que, na fronteira dos países e na estremadura da realidade e da ficção, é antes de tudo herói. O outro e o mesmo fundindo-se, hibridizando-se com vistas a não aquiecer com a cabeça a uma história desumana e escrita para poucos. Agualusa inscreve na fronteira Rio-Luanda, África-Brasil, um ato de heroísmo em prol daqueles por quem ninguém lutou.

Nas teses “Sobre o conceito da História”, Walter Benjamin chama a nossa atenção para o fato de que o investigador historicista (o historiador) possui uma relação de empatia com os vencedores. Isso certamente beneficia os que dominam, os que “participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão.” (BENJAMIN, 1985, p. 225) Nesse mesmo ensaio, o teórico afirma ainda que o historiador é plenamente conhecedor de que, se o inimigo vence, nem os mortos estão em segurança. E



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

arremata: “E esse inimigo não tem cessado de vencer.” (BENJAMIN, 1985, p. 225)

Ora, a crítica pós-colonial acaba tornando-se uma aposta ética, por trazer à cena da ficção – que é também História – os ‘corpos espezinhados’, entoando um grito de guerra, de “basta” a esse inimigo que, no romance *O ano em que Zumbi tomou o Rio*, é bem claro: é o plutocrata que ainda persegue os inúmeros zumbis, os negros a se rebelarem, porque o único modo de aceitá-los é vendo-os dóceis (“Sim, doutor, pois não doutor”). Mudam-se os tempos, mudam-se as armas: entram os versos, as uzis, as Ak-47, que fazem explodir a guerra da fronteira – das raças e das classes – e fazem implodir o fictício, e ao mesmo tempo tão real, Morro da Barriga, na Cidade Maravilhosa para quem tem dinheiro.

À parte a reticência com relação ao progresso, a crítica benjaminiana a uma história mecânica e linear (que ignora rupturas e distopias) apresenta uma visão revolucionária, pois que, no lugar de uma história positivista, propõe uma que se abre a inúmeras possibilidades. Nesse sentido atua ao encontro, convém frisar, dessas vozes cujas vivências apresentam configurações, e mesmo temporalidades, que iniludivelmente destoam da história “oficial”. Uma nova história pode, assim, emergir, mesmo que para isso se faça necessário implodir aquela pautada nos discursos dos opressores.

Encontrar-se no entre-lugar não significa estar perdido; pelo contrário, pode significar uma escolha, a de plantar os pés na identidade – quiçá a única verdadeira – que é puro hibridismo. Aprendemos com Nestor Canclini – um dos maiores estudiosos sobre a crise da modernidade ocidental nos anos 90 – que a hibridação é termo que desloca conceitos pré-existentes, mais até, que exige sua reformulação; e que, ademais, é uma questão antiga do desenvolvimento histórico (vide a mestiçagem no Mediterrâneo, nos tempos da Grécia clássica, para ilustrar). Propõe o teórico uma primeira definição: “Entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”.
(CANCLINI, 2006, p. XIX)

Histórias, narrativas, poemas, *raps*, cartas, armas e guerras geradas por essa hibridação, assim como as complexas constituições identitárias daí advindas, povoam a poética agualusiana. Importa, assim, traduzir tais combinações (apontadas no conceito de Canclini) em “múltiplas alianças fecundas”, expressão por ele também utilizada para melhor entender esse conceito, não completamente refratário a críticas. No que concerne à ficção de que tratamos, importa nela perceber a hibridação como uma via possível de se pensar as relações culturais travadas, e gestadas, entre povos e países cujas identidades são continuamente problematizadas, e recriadas: na relação, no trânsito, na estremadura.

REFERÊNCIAS

- AGUALUSA, José Eduardo. *Nação crioula*. 1997.
_____. *O ano em que Zumbi tomou o Rio*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002.
BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In. _____. *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas*. São Paulo: Edusp, 2006.